

AFTER THE EXHAUSTED BOYS/HAD SURRENDERED THE FLOOR, AND MORE
MELDY, HER DEEP-THROATED HUM //INVETERATE DANCER,/WHAT DANCE
IT,/FOG-TROT, CARMA AND TANGO,/THE POLKA, WALTZ AND DRUM,
SHE/HAD THE ONLY MAN I DANCED JUSTICE TO HER STYLE /ONCE-AN
A HER ON THE FLOOR./A TINY GOD, ENTRENCHED IN THE RAZE OF HIS
STANCE./A SUGGESTIVE SWAY OF THE HIPS./A LICENTIOUS THRUST O
DANCE
MARIA LÚCIA MILLÉO MARTINS /THE FIERCE LIGHT OF
/HIS WAS TWENTY YEARS OLD./AT SOME WEDDING OR ANOTHER//I HAD
STUCK ME UP/AND HELD ME CLOSE/WHEN SINGING I AS BEEN WHISLED
O BEATS//LOOSED WITHIN HER ARMS// WAS DANCED ////////////////WE LIVED O
E WIND
POESIA CANADENSE CONTEMPORÂNEA AS THE
E MULTICULTURALISMO /THE YEAR NO ONE ATE RIVE
ARE THE PLACES PEOPLE DIED /HANDWRITING OCCURRED IN WAVES//O
VER./A GRADUAL ACCEPTANCE OF THIS NEW LANGUAGE ////////////////HIS
S LEAVES//OF VINES, AS SMOOTH AS THE GOLDEN SKINNED/GRAPES HE
OF BRONZE /EYES OF PALE AMBER, WITH THE BITE OF BRANDY /LIPS
CURVE OF HER HIP//LIPS THAT CALL HER MADONNA//HIS DREAM OF
O IN THE LONG BRASS OF AUBURN//UNTIL HE KISS HER LEISURELY AS
E IN ABRUZZO /THE OTHER LACED INTO ENGLISH SHOES IN TORONTO
PISUS //PHOTOGRAPH OF A GIRL DRESSED AS A GYPSY /CHILD HATE
WORLD, HEARING THE BLACK ACADEMIC BORN /A RABBIT SKIN ARDOR
WALKER ////////////////HARRIS ARE ROCKERS//SO SAID THE GRANDMOTHER
AS HER BROWN SKIN/HER WORDS SMOOTH CARVED AS BONE/AND SO ON
TERR/FASHIONED IN THE BEGINNING//OF HER KIND/THERE WILL BE N
N ITS PLACE//WE ARE KEEPERS WE MUST NOT CHANGE/ON THIS EARTH
/AS HE BRONS//THAT HE FORESTS//WHAT HIS TAIL LOOKS LIKE//LL B
LL STAND ON A HILLTOP/A BLACK DOT AGAINST BLASTING RED/AND N
HE LITTLE SHADOWS/EVEN NON/SKIPPING SEEMING YOU/ALL YOUR SOON
LL STILL BE WHISPERED IN SHADOWS/YOU WILL HEAR AND UNDERSTAND
DRE////////////////WHAT ARE CALENDARS TO YOU//AND, INDEED, WHAT AN
NIC SCARVES, SOMEWHERE OVER THE RAJDOOM /WHERE YOU ARE TID ME
TODS ALL YOUR OWN//AFTER DU BOIS HAD BLACED //JOSEPHINE BRAD
PEWING LIKE BLOOD IN CHIC, AFRICAN COLONIES //JOSEPHINE BRAD
SALID WINDS SUCKING YOU OUT OF YOURSELVES //SAYING YOU A

MARTINS, Maria Lúcia Milléo.
Poesia canadense contemporânea
e multiculturalismo. Rio de
Janeiro: 7Letras, 2018. ISBN 978-
85-421-0638-1. 232p.

Nubia Hanciau¹

Submetido em 18 e aprovado em 18 de
abril de 2018

Em *Poesia canadense*
contemporânea e multiculturalismo,
de Maria Lúcia Milléo Martins, o leitor
encontra exemplar discurso multi e
intercultural. Os vários teóricos que
embasam a pesquisa por meio da seleção

de suas produções ao longo de duas
décadas (considerando as referências
elencadas), os poetas escolhidos e as obras
complementares referidas apontam, em
sua construção, para uma poética, uma
cosmovisão que gratifica o leitor ao verificar
a maneira como é articulado o problema
do não nativo ou “sou migrante” *versus*
“tradição narrativa estabelecida”, a forma
como os poetas lidam com o cânone e como
essa experiência influencia na construção
dos poemas tratados. Em um tempo em que
a imigração remete a conflitos traumáticos
e tragédias que nos chocam no cotidiano,
a inclusão do imigrante no plano literário
traz à tona impressões e reflexões que
rompem amarras e levam os leitores por
caminhos diversos, certamente melhores,
que, muitas vezes, fazem sonhar.

Para Will Kymlicka (1962),
conhecido pesquisador do tema, a
integração multicultural permanece como
opção eficaz para as culturas e democracias
ocidentais. Ouve-se muito a respeito da
ascensão e da queda do multiculturalismo
no Canadá, enfocado amplamente
por estudiosos para elucidar debates
contemporâneos a respeito da diversidade
cultural. Há surpreendente consenso de
que estamos em uma era pós-multicultural,

por vezes marcada por insucessos, mas, principalmente, considerando as condições em que se desenvolverá no futuro.

Poesia canadense contemporânea e multiculturalismo, tese, em sua origem, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (2017) para promoção a titular de carreira, propõe analisar, tanto na teoria quanto na prática, o que significa o multiculturalismo, opção adotada pelo Canadá em julho de 1988, ao reconhecer sua diversidade cultural, tornando-se o primeiro país no mundo a proclamar-se oficialmente multicultural, ato instituído legalmente pelo “Canadian Multiculturalism Act” (Bill C-93).

De fato, no Canadá, tanto em Ottawa quanto no Quebec, compartilha-se o sentimento de que a cultura não deve ser abandonada unicamente às leis do mercado, seja no plano nacional ou internacional. O mesmo ocorre em relação à identidade ou, antes, às identidades “nacionais”. Parece que “ser” canadense ou quebequense dificilmente poderá ser deixado no implícito. Esse “ser” precisa de constante re/definição, sem o que o quebequense correria o risco de se ver devorado pelo canadense, e o anglo-canadense pelo americano (mais

precisamente o estadunidense). Não é pois por acaso que o Canadá multicultural situa-se hoje nos postos de vanguarda na defesa da “diversidade cultural”.

O “multiculturalismo imperativo” (p. 17), cada vez mais manifesto nas diversas formas de expressão, vai fazendo sentido à medida que se avança na leitura do livro. Inicialmente com o que Northrop Frye chama de “cercos comunitários” (*garrison mentality*) para defender valores e delimitar territórios; logo depois com Margaret Atwood, ao evocar o pioneiro canadense de *The Bush Garden* (1971) e depois em *Survival* (1972). Ambos os teóricos sustentam a análise dos poemas que vêm na sequência de uma história da crítica canadense, o suficiente para apontar para a progressão, inclusive na própria produção de Atwood, em suas reflexões mais atuais. Seguem esses dois incontornáveis autores no estudo do tema, Neil Bessner (também autor do excelente prefácio deste livro), Diana Brydon, Ismaro Kamboureli, Dionne Brand, Linda Hutcheon, Neil Bissoondath e os próprios poetas selecionados, críticos dos primeiros críticos.

O inarredável histórico e a original retomada permitem que o leitor compreenda a complexidade e as mudanças profundas

de paradigmas ocorridas nos últimos anos, não apenas no Canadá, mas também em outros países nos quais as publicações trazem novos olhares em relação às questões da migração, da identidade, da alteridade, da presença de outras etnias no cenário social e literário. É impossível não lembrar desses milhares de seres dispersos pelo mundo, cujas fronteiras, nas palavras do compositor uruguaio Jorge Drexler, “se movem como bandeiras”.

Depois de discorrer a respeito do multiculturalismo, Maria Lúcia Milléo Martins estuda teórica e criticamente poemas de oito poetas fundamentais da poesia moderna do Canadá anglófono, principal foco de sua pesquisa. Os poetas Cyril Dabydeen, Dionne Brand, Fred Wah, George Elliot Clarke, Jeannette Armstrong, Mary di Micheli, Michael Ondaatje e Ricardo Sternberg têm seus poemas cuidadosamente analisados em *layout* com a tradução do inglês para o português, lado a lado. Vale sublinhar a análise de como esses diferentes autores/poetas da América do Norte, Canadá, representam a migração e a resultante mestiçagem de pessoas, culturas e realidades além fronteiras regionais e nacionais, seres que vivem e convivem em um limite difuso e constante,

entre o próprio e o outro, diferentes, mas próximos no que é essencial aos humanos. E o efeito disso, a saber: a vida entre a desterritorialização e a reterritorialização, o local e o global, o físico e o virtual, constitui o que o pesquisador Roland Walter (UFPE) chama de “entre-condição como experiência vivida”. Nesse processo, o espaço geográfico, etnoracial, espiritual e psicológico é o dinâmico ponto de partida para problematizar o indicador cultural e o instrumento conceitual-teórico.

A seleção teórica, sustentada por Frye e Atwood, entrecruza-se não apenas ao pensamento de outros teóricos, mas também ao de poetas quanto à polêmica em torno da política do multiculturalismo e do “apagamento das fronteiras, da tomada de consciência desse processo na construção das sociedades contemporâneas”, de acordo com a autora Maria Lúcia. Cabe destacar Himani Banerji, na crítica às políticas governamentais; Todd Gitlin, na proposta de uma cultura de comunalidade voltada para valores comuns de direitos civis e humanos; Myrna Kostash, na discussão de uma “política de semelhança” ao observar que na nossa diversidade temos ideias comuns, partilháveis, de justiça, paz e autodeterminação. Esses teóricos, entre

outros, compõem esse livro em harmonia, tanto pela coerência da abordagem, quanto pelo difícil balanço feito entre as partes, a saber: o dilema da unidade; o lema da diversidade; multiculturalismo político e polêmica; literatura multicultural; comunalidade e singularidade. Reunidas, as partes reconstituem a trajetória do “multicultural” e sua representação literária, de maneira cuidadosa, sem estabelecer critérios, mesmo que tecendo um fio argumentativo próprio, que sutura o pensamento.

Quem de nós já leu em Dabydeen, Brand, Wah, Elliot Clark, Armstrong, Di Micheli, Ondaadje ou Sternberg?

Como se pode comprovar na leitura de *Poesia canadense contemporânea e multiculturalismo*, o Canadá poético de hoje conjuga-se no plural. Os oito poetas remetem ao passado de linguagens e origens, não só europeia, mas caribenha, indiana, asiática, africana, italiana, acadiana, indígena e brasileira, entre outras.

Os poemas – conjunto representativo, vivo e atual da poesia moderna do Canadá – assentam-se sobre uma de suas questões mais polêmicas, o multiculturalismo, alargando o interesse, favorecendo a curiosidade e o desejo de ampliar o

recorte poético apresentado, composto por variantes imaginárias, temas diversos tratados por nomes pouco conhecidos em nosso contexto. A polifonia dessas vozes vindas do extremo norte das Américas, entrecruzadas em inglês e português, aponta para a autonomia cultural canadense, seja na evolução de suas representações simbólicas, seja em sua história de construções e reconstruções identitárias.

A autora não se empenha apenas em traduzir o sentido – “o que o autor disse” –, mas busca a significância do poema, que leva em conta as camadas entre as quais se encontram o significante, o significado, o gênero, o estilo, o registro, a sintaxe, o léxico, a métrica e as ressonâncias culturais. Em muitos dos poemas observa-se que foi preciso respeitar o que se poderia denominar de violações das normas gramaticais, quer sintáticas, quer semânticas. Constituem também manifestações da poeticidade a organização dos versos, a distribuição do texto no espaço da página, os recuos, os brancos entre palavras, o uso de iniciais maiúsculas ou minúsculas, a pontuação ou ausência de pontuação, no meio de outros procedimentos. Certamente a tradução representou um desafio para a tradutora Maria Lúcia frente a obstáculos difíceis de

transpor, isso porque na tradução poética só é possível a “transposição criativa”, ou seja, a “tradução recriação”, aplicada aqui aos poetas estudados.

Presentificam-se na pesquisa dessa antologia os saudosos eventos organizados pelos NECs/ABECAN, os congressos internacionais a partir da década de 1990, nos quais muitos dos autores referenciados em *Poesia canadense contemporânea e multiculturalismo* estiveram presentes e/ou foram referenciados nas apresentações durante os eventos, fazendo parte das experiências que aprofundaram o que chamamos EC (Estudos Canadenses) no Brasil.

Poesia canadense contemporânea e multiculturalismo certamente contribuirá para o estreitamento dos laços literários e culturais e das parcerias que unem há mais de três décadas o Canadá ao Brasil, e vice-versa, ampliando o diálogo entre as vozes daqui e as de lá. A riqueza desses contatos – a aproximação comparatista interamericana entre autores próximos do nosso universo acadêmico, tanto teóricos quanto ficcionais –, enaltece a importância da escolha do corpus apresentado pela autora Maria Lúcia, mais ainda se levamos em conta o lugar

em que a literatura canadense se encontra no sistema canônico de classificação, ou seja, entre as literaturas “ditas” menores, mas que, a partir dos autores/poetas canadenses, notáveis figuras transculturais, ressignificam e ressemantizam essa relação.

Notes

¹ Professora Aposentada da FURG, Rio Grande, RS. Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras, História da Literatura. nubiajh@gmail.com.